
O GESTO INTERPRETATIVO DO(A)
PESQUISADOR(A): APONTAMENTOS
TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA
ANÁLISES DE PRÁTICAS SOCIAIS

7

THE INTERPRETATIVE GESTURE OF
THE RESEARCHER: THEORETICAL-
METHODOLOGICAL NOTES FOR ANALYSIS
OF SOCIAL PRACTICES

NASCIMENTO, CLEBEMILTON GOMES

DOCTORANDO NO CURSO DE DOUTORADO DIFUSÃO DO CONHECIMENTO (UFBA).
DOCENTE DO CURSO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. LICENCIADO EM
LETRAS (UFBA).

CLEBENASC@GMAIL.COM

ORCID ID: [HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-5252-9585](https://orcid.org/0000-0002-5252-9585)

RESUMO

Neste texto, parto do entendimento de que todo processo de construção, gestão e difusão do conhecimento está atravessado pela linguagem, sendo, portanto, uma dimensão estruturante no traçado teórico-metodológico de qualquer investigação científica bem como na atitude interpretativa e crítica do(a) pesquisador(a). Com isso, proponho uma reflexão sobre o gesto interpretativo da pessoa pesquisadora na análise textual de informações discursivas em práticas de pesquisas cuja matéria prima são textos de diferentes gêneros e tipos. Para tanto, desde a minha experiência como professor-pesquisador, proponho aproximações e contribuições de diversos campos do conhecimento, principalmente dos Estudos Críticos do Discurso, abordagem teórica a partir da qual tenho operado nas minhas análises, a partir de uma inflexão experimental, multidisciplinar, multirreferencial e polilógica da linguagem na/para a pesquisa. Dessa forma, a linguagem é pensada enquanto teoria e dispositivo analítico na modelagem do conhecimento. Para além disso, essa reflexão ensaia flertes, ainda incipientes, com os estudos da cognição no saber-fazer do analista cognitivo.

Palavras-chave: Análise Discursiva. Análise Cognitiva. Complexidade. Práticas Sociais. Produção do conhecimento.

ABSTRACT

I start from the understanding that the whole process of construction, management and diffusion of knowledge is crossed by language, being, therefore, a structuring dimension in the theoretical-methodological outline of any scientific investigation as well as in the interpretative and critical attitude of researcher. With that, I propose a reflection on the interpretive gesture of the researcher in the textual analysis of discursive information in research practices whose raw material are texts of different genres and types. Therefore, since my experience as a professor-researcher, I propose approaches and contributions from different fields of knowledge, mainly from Critical Discourse Studies, a theoretical approach from which I have operated in my analyzes, to make an experimental, multidisciplinary, multi-referential inflection and polilogical of language in / for research. In this way, language is thought of as a theory and analytical device in the modeling of knowledge. In addition, this reflection rehearses flirtations, still incipient, with the studies of cognition in the know-how of the cognitive analyst.

Keywords: Cognitive Analysis. Discursive Analysis. Complexity. Social Practices. Production of scientific knowledge

PALAVRAS INICIAIS

[...] temos de ir além do senso comum, de produzir em nós e a partir de nós mesmos formas de existência para bem mais do que nos propõe as lógicas dominantes, sejam as do mercado, sejam as das sociedade esteticizada do espetáculo, sejam tantas outras lógicas pelas quais somos subjetivados/as e que nos pautam cotidianos mínimos ou amplas políticas de nosso país. (FISHER, 2007, p.51).

O presente texto é um convite despretenso e implicado, cujo objetivo é refletir sobre a importância da linguagem no processo de produção do conhecimento científico. Nesse sentido, proponho uma reflexão crítica sobre o seu papel na análise qualitativa de informações discursivas em pesquisas cuja matéria prima são textos de diferentes gêneros e tipos. Assim, as inquietações, aproximações e provocações advindas desse exercício reúnem contribuições de campos diversos do conhecimento, principalmente de diálogos com os Estudos Críticos do

Discurso, abordagem teórica a partir da qual tenho operado, além de contribuições teórico-epistemológicas outras a exemplo das múltiplas perspectivas feministas e estudos decoloniais. Toda essa rede interdiscursiva compõe um roteiro que diz muito da minha trajetória formativa, das experiências enquanto professor e pesquisador aprendente. Para além disso, essa reflexão ensaia flertes, ainda incipientes, com os estudos da cognição no saber-fazer do analista cognitivo¹. O objetivo é, portanto, fazer uma inflexão experimental, multidisciplinar multirreferencial e polilógica² para pensar a linguagem na/para a pesquisa. Dessa forma, a linguagem é pensada enquanto teoria e dispositivo analítico na modelagem do conhecimento. As ideias aqui apresentadas são de algum modo compartilhadas com os autores e autoras que estão na base da minha formação como pesquisador transitando na interface linguagem, gênero e cultura.

Em certa medida, a intenção é reunir alguma contribuição para uma reflexão mais sistemática acerca da análise textual enquanto dimensão central, portanto basilar no caminho metodológico e na atitude interpretativa e crítica da pessoa que pesquisa. As considerações aqui tecidas, em alguns momentos, muito provavelmente assumem um tom didático e se dirigem mais diretamente às pesquisas de cunho qualitativo sem deixar de contribuir com aquelas que mesclam dados qualitativos e quantitativos. Neste breve percurso, procuro ressaltar algumas contribuições teórico-metodológicas da Análise do Discurso Crítica (doravante ADC), dialogando, mais diretamente, com os trabalhos de (FAIRCLOUGH, 1989; 2001); (RAMALHO; RESENDE, 2006; 2011); (VAN DIJK, 2008); (RESENDE, 2019). Por fim, buscamos, nesse exercício, destacar a relevância de potenciais categorias analíticas que consideramos fundantes para o debate em torno de métodos e técnicas de pesquisa com/a partir de textos como material de pesquisa. Assim, partimos do entendimento de que os diferentes sistemas de estruturação do conhecimento determinam e interferem na utilização de determinados sistemas de linguagens.

A LINGUAGEM E/(N)A PESQUISA

A linguagem compreende a matéria prima de toda e qualquer

¹ Sobre a Análise cognitiva tratarei de modo mais detalhado mais adiante neste texto. O que pode ser dito acerca do analista cognitivo vem de todo um esforço do DMMDC (Doutorado Multi-disciplinar e Multiinstitucional em Difusão do Conhecimento) no sentido de construir uma agenda mínima agregando epistemologias e linhas de análise diversas tomando como base as atuais ciências cognitivas. O Analista Cognitivo opera na construção de modelos de interpretação, na análise desses processos.

pessoa pesquisadora, independente do “objeto” de estudo, da área na qual enuncia, da filiação teórica, da aderência a essa ou aquela abordagem metodológica, das técnicas ou métodos que utiliza. A bem da verdade, ela atravessa todos os níveis de investigação, vai desde o mais elementar ao mais complexo, do mais descritivo ao mais exploratório. De modo geral e amplo, ela recobre todas as coisas, é através dela que nomeamos os objetos do mundo e travamos uma luta em torno de significados. É pela linguagem que marcamos posições ideológicas, construímos e reconstruímos identidades e narrativas. Além sendo, não existe vida, nem tão pouco existência sem a mediação decisiva da linguagem. Para Fanon (2008), estar de posse da linguagem é possuir o mundo que essa mesma linguagem expressa e com ela assumir uma cultura e todo o peso de uma civilização. Para ele “falar é existir absolutamente para o outro” (2008, p. 33). É preciso destacar esse aspecto da linguagem, sobretudo em tempos do fenômeno emergente do anti-intelectualismo e de propagação de discurso nazicapitalista³ (GALEFFI, 2020), de um poder que anseia a aniquilação, o apagamento das diferenças, o expurgo do outro, o retorno do determinismo biológico, e principalmente em face à propagação de discursos que patologizam corpos/vidas/existências dissidentes, inconformes. Essas práticas discursivas e os tempos atuais parecem requer de nós um olhar mais atento, cuidadoso e criterioso com relação à linguagem.

Na geração do conhecimento, nos cercamos da linguagem também em todas as etapas da investigação. Ela permeia todo o processo de construção de nossos projetos de pesquisa e nos acompanha até o momento da escrita final do texto, o ponto de chegada no qual se materializa o produto de um percurso que tem por finalidade a representação e difusão do conhecimento produzido.

O trabalho com a linguagem é complexo e contínuo, uma ação permanente que exige do/a analista uma atitude atenta e crítica perante sua opacidade. Cada palavra, cada enunciado que selecionamos para dizer de nossos “achados”⁴ de pesquisa e possíveis conclusões

3 Segundo Galeffi, o nazicapitalismo é uma nova faceta do capitalismo que sempre usou das suas armas e meios disponíveis para obter seus resultados e sua perpetuação. Trata-se de um dispositivo dominante atualmente vinculado ao ciclo da cibernética, da computação e da telemática que dominam hoje o comportamento de rebanho das sociedades humanas. Tudo isso requer uma atitude combativa de toda redução da realidade a um discurso único.

4 Suspendemos, em aspas, a palavra “achado”, pois compreendemos que, desde as perspectivas que estamos manejando aqui, não se trata, a pesquisa, de “achar” alguma coisa, mas sim de produzi-la na/pela linguagem. “Achar” algo, então, nada mais é do que o movimento ativo e performativo da pessoa pesquisadora por meio de textos e de discursos.

carrega sentidos ontológicos⁵, epistemológicos e metodológicos de nossa existência enquanto sujeito pesquisador/a. O ato de pesquisar compreende uma sequência de gestos interpretativos de informações, acontecimentos e opiniões que se efetiva com a entrada do/a pesquisador/a no campo simbólico da linguagem, quer seja, verbal, imagética, bem como em construções textuais multimodais. A entrada no plano simbólico é, definitivamente, inevitável e irremediável, visto que, estamos comprometidos com os sentidos e o político. “A análise do discurso, nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem”. (ORLANDI, 2005, p. 9)

Se essa entrada no simbólico tem um caráter decisivo na trajetória de todo e qualquer, essa consciência tem um sentido ainda mais relevante quando se trata dos sujeitos que produzem conhecimento científico. Entendo que, essa imersão da pessoa pesquisadora no universo da linguagem não acontece de forma imparcial e isenta, mas se estabelece de forma interrogadora, crítica e interessada. Para Edward Said, nenhuma produção do conhecimento jamais pode ignorar ou negar o envolvimento da pessoa que se arvora a investigar, revestido do papel de autor(a) como sujeito humano com seu objeto e sua imersão nas circunstâncias do cotidiano:

Ninguém jamais inventou um método capaz de distanciar o erudito das circunstâncias da vida, da realidade de seu envolvimento (*consciente ou inconsciente*) com uma classe, um conjunto de crenças, uma posição social, ou de mero fato de ser um membro da sociedade. Tudo isso continua a ter relação com o que ele faz no exercício de sua profissão, mesmo que muito naturalmente a sua pesquisa e os frutos desse trabalho tentem atingir um nível de relativa isenção das inibições e restrições da bruta realidade de todo dia. (2007, p. 37, grifo nosso)

Por outro lado, a atitude de pesquisar requer uma postura ousada, curiosa, por vezes provocativa e transgressora, mas sempre responsável sobre aquilo que fazemos com a linguagem. A pessoa pesquisadora, aquele ou aquela que enuncia desde o espaço acadêmico, pertence

⁵ Até a ontologia, nos termos em que argumentamos, só é possível se a compreendermos como linguisticamente constituída.

a um importante e seletivo grupo, uma espécie de “elite simbólica”⁶ a exercer um poder simbólico que:

Não se limita à articulação em si, mas também inclui o modo de influência: eles podem determinar a agenda da discussão pública, influenciar a relevância dos tópicos, controlar a quantidade e o tipo de informação, especialmente quanto a quem deve ganhar destaque e de que forma. Eles são fabricantes do conhecimento, dos padrões morais, das crenças, das atitudes, das normas, das ideologias e dos valores públicos. Portanto, seu poder simbólico é também uma forma de poder ideológico. (VAN DIJK, 2008. p. 45)

No excerto em destaque acima, Van Dijk chama atenção para a autoridade textual da pessoa pesquisadora no decurso da investigação e na produção de sentidos, destacando, inclusive, os riscos de cair nas armadilhas do autoritarismo acadêmico. Nesse movimento, não se pode perder de vista a dimensão política e ideológica subjacente à linguagem. Não podemos esquecer que o controle das mentes é simbólico, portanto, um poder ideológico que se baseia na aceitação, negociação, contestação ou consenso e envolve análises sócio-cognitivas que tenham como foco as estruturas ideológicas.

A essa altura cabe deixar explícito que a concepção de linguagem na qual estamos operando se sustenta nas teorizações de Bakhtin que considera a linguagem em uso, levando-se em conta sua historicidade, sua condição dialógica. Sem dúvida as ideias de Bakhtin têm influenciado as principais orientações teóricas sobre o discurso nas três últimas décadas. A principal delas diz respeito à concepção de linguagem como dialogismo. Assim como a ciência tem método e objeto dialógicos, da mesma forma as ideias sobre o homem e a vida, bem como sua existência são marcadas pelo princípio dialógico. Aqui também nos será muito útil tanto o princípio da linguagem enquanto logicidade quanto espaço de luta hegemônica, bastante explorado nos trabalhos de Foucault (2003) e Fairclough (2001). Se a linguagem produz discurso, “discurso é mais que apenas uso da linguagem, seja ela falada ou escrita, discurso é um tipo de prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, p.

⁶ Van Dijk (2008) defende que as elites simbólicas (jornalistas, escritores, artistas, políticos) desempenham um papel essencial ao dar sustentação do poder nas sociedades da informação e comunicação.

28). Assim, ao analisar as práticas sociais consideramos três dimensões: o conhecimento, as relações sociais e as identidades sociais. O modelo de análise proposto por Fairclough se baseia em três dimensões passíveis de serem analisadas, ou avaliadas no cotejamento do texto. Trata-se de um modelo tridimensional que corresponde à análise da prática discursiva, do texto propriamente dito e da prática social. (FAIRCLOUGH, 1989; 2001).

Na atual conjuntura, cabe um olhar mais atento para as linguagens imagéticas. Na contemporaneidade, estamos vivenciando uma guinada da palavra para a imagem e, muitas vezes, um processo de entrelaçamento de duas ou mais linguagens na construção dos sentidos. Tudo isso nos leva a observação para o fato de que a linguagem opera como um importante campo político no qual o que está em jogo é uma miríade de poderes que atuam em redes, ou seja, na existência de uma multiplicidade de discursos que se proliferam agindo sobre a “realidade” social. Essa constatação nos convida a todo instante e, de forma mais marcante no processo da investigação a nos colocar no lugar de aprendente, ampliando os sentidos daquilo que trazemos enquanto aprendizagem, um exercício de colocar nossas verdades em suspenso. Nesse sentido, é tarefa da pessoa pesquisadora que se propõe a analisar discursos fazer uma análise dos discursos hegemônicos que organizam e engendram a sociedade ocidental. Um exercício que consiste em identificar como a cultura doméstica o olhar, os seja como foram forjadas e estruturadas as formações discursivas na modernidade. Para Alves (2004), essas formações discursivas ainda estão sendo atualizadas/faladas/praticadas pelas pessoas, ou seja:

[...] se iniciaram, precariamente, a partir do século XVI e se consolidaram com a entrada da burguesia, da ciência e das artes no séc. XIX, forjando uma linguagem hierarquizada, dicotômica e com desigualdades (omitindo ou desqualificando o Outro), nivelando as construções discursivas como uma única maneira de falar e expressar. (p.30).

Para nós, pesquisadores e pesquisadoras do campo das Humanidades e especialmente, das Letras, a linguagem sempre esteve no centro de nossas reflexões. Assim, a arbitrariedade, o drama semiótico e a insuficiência do signo são temas recorrentes. Na trajetória dos estudos de

gênero, apenas para citar um outro campo de estudo, existe um subtexto presente em boa parte dessa produção que dialoga com os estudos da linguagem. Assim, como se trata de um campo de disputa e de luta hegemônica em torno das relações de poder será sempre uma categoria operacional em disputa política ainda que tomemos estritamente no campo teórico.

Pois, a propósito, de acordo com Louro (1997, p. 65), “a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças”. Nessa perspectiva, não há experiência fora da construção ativa dos sentidos operada pela linguagem e pela ideologia. Isso nos leva ao reconhecimento da mais ideológica das estruturas, o senso comum, o regime de “tomar por certo”, legitimar como verdade tudo aquilo que foi socialmente construído. (HALL, 2013). Sobre o senso comum, cabe dizer, ainda, que é ele uma afirmação de mundo cuja verdade não se quer rastreável, quer dizer, que invoca para si a prerrogativa da ontologia: aquilo que simplesmente é. Diferentemente dessa concepção, entendemos que todos os textos e discursos são *estruturas vestigiais* (LUCAS LIMA, 2017), cuja irrupção no cenário da vida pode ser rastreada na própria linguagem. Não há, portanto, conhecimento que escape à historicidade da linguagem, de suas marcas indelévels e, portanto, identificáveis, nos acontecimentos.

Assim, toda produção do conhecimento deixa rastros de um percurso singular de investigação da pessoa pesquisadora que acontece via linguagem. Através dela criamos categorias, problematizamos conceitos, mapeamos conexões, expomos os limites internos e externos de representar a materialidade das coisas do mundo. Dessa forma, ao propor essa imersão no campo da linguagem, também me volto para recuperar dados, informações e memórias de experiências com experimentações metodológicas vivenciadas em aulas, exercícios e oficinas de leitura crítica de textos. Por outro lado, reiteramos a implicação do investigador/a na construção de um conhecimento colaborativo e interativo, bem como com aquilo que penso ser o compromisso e atribuição do analista cognitivo de construir modelos de explicação, interpretação e análise do conhecimento através da transversalidade, da interseccionalidade e da geopolítica do conhecimento.

Essa dimensão nos coloca diante da linguagem como espaço de produção das diferenças, da ideologia, seus modos e estratégias de funcionamento. Assim, privilegia-se na análise das práticas sociais as conjunturas nas quais se posicionam sujeitos forjados discursivamente

em contextos sociais e históricos específicos cujas subjetividades são atravessadas pela classe, gênero, práticas sexuais e complexos processos de racialização.

Uma preocupação bastante frequente entre as pessoas que buscam na Análise do discurso uma possibilidade de dispositivo analítico de textos em *corpus* de pesquisa é como acessar os textos, por onde começar a análise, por onde adentrar no texto, o que analisar, ou seja, uma espécie de roteiro. É sobre isso que vamos tratar no tópico seguinte. Por fim, ressaltamos que não se pretende aqui apresentar fórmulas ou pretensos modelos de como analisar discursos, nem tampouco apontar para uma espécie de verdade metodológica.

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES NECESSÁRIAS

É importante salientar que a Análise do Discurso (doravante AD) em si mesma não se caracteriza como um método. Trata-se de um campo heterogêneo e transdisciplinar, talvez até “(trans)metodológico” que dialoga com todas as ciências humanas e sociais. Assim sendo, possibilita a articulação de diferentes abordagens e metodologias, permitindo a realização de uma “bricolagem metodológica”⁷ na modelagem de um dispositivo analítico apropriado às especificidades de cada problema de pesquisa. Na análise dos dados, a AD permite a combinação de métodos e técnicas tradicionais das ciências sociais como, por exemplo, a observação participante, os métodos etnográficos e experimentações outras, sem com isso abandonar o rigor. Aliás, sobre o rigor podemos reconhecer que permite reinventá-lo na sua dimensão ética e estética, através de um movimento que envolve criatividade, compreensão e intervenção “que não se limita em transformar a narrativa não-objetivada academicamente em exemplos, ilustrativos, *corpus* de legitimação científica, adornos do argumento do pesquisador, dados ‘puros’” (MACEDO, 2012, p.115).

Por se tratar de uma área de estudos já bastante consolidada no Brasil, a AD vem contribuindo para a compreensão e análise da linguagem nas práticas sociais. É importante ressaltar que, nessa trajetória, os estudos do discurso vêm proporcionando diferentes olhares que se desdobram em variadas vertentes. Assim, a opção aqui adotada e denominada de “crítica” se justifica, em grande medida, pela sua motivação de investigar

⁷ A noção de bricolagem é usada aqui na acepção de (KINCHELOE, 2006, P. 42), ou seja, “um modo de investigação multimetodológico, que faz uso de uma série de métodos de investigação e constructos teóricos para examinar um dado fenômeno.”

criticamente como a desigualdade social se manifesta no discurso.

Em linhas gerais, a ADC tem suas bases na Teoria Social do discurso e da Linguística crítica. O objetivo dessa vertente visa não apenas descrever e confrontar os mecanismos da linguagem e ideologia como também evidenciar contradições com vistas à mudança social e transformações na vida contemporânea. Para Resende; Ramalho (2011), a Análise de Discurso Crítica (doravante ADC)⁸ transcende uma divisão entre pesquisas no campo das ciências sociais e pesquisas inspiradas pela Linguística na medida em que “a análise textual é concebida não apenas como a análise das relações internas da língua mas também externas de textos, isto é, de suas relações com outros elementos de eventos, práticas e estruturas sociais” (p. 149).

Em síntese, a linguagem está diretamente relacionada com a construção da dimensão simbólica. É no plano simbólico que vamos acessar os modelos e tipos ideais, hegemonicamente idealizados sobre o feminino e o masculino, apenas para citar um par dicotômico forjado na modernidade que se relaciona com a dimensão normativa atuando na organização do mundo em normas e valores culturais. Em consequência da dimensão normativa, de condutas biopolíticas e disciplinadoras, encontramos com a dimensão institucional que começa com a família, passando pela escola, o estado, a igreja, entre outras instâncias. Além disso, temos a dimensão subjetiva que diz respeito à interiorização dos valores e normas, dos comportamentos. Nessa esfera, estão os aspectos singulares e singularizantes da vida cotidiana, da experiência, da construção e reconstrução das identidades sociais dos sujeitos. Todas essas dimensões atuam de forma complementar e integrada em um movimento circular, contínuo e produtivo.

De forma mais ampla, é consenso entre os teóricos/as do campo algumas premissas consideradas basilares da ADC. É sobre elas que nos deteremos agora: a primeira delas refere-se ao fato de abordar problemas sociais, visto que partimos da compreensão de que as relações de poder são discursivas. Assim posto, admitimos que o discurso constitui a sociedade e a cultura, pois é através dela que a ideologia se manifesta utilizando-se de modos e estratégias típicas. Thompson (1995) elenca cinco modos de operação da ideologia, a saber: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. Cada um desses modos, segundo o autor,

8 Para um mergulho mais detalhado, aprofundado e sistemático da ADC ver Ramalho e Resende (2006; 2011), ver Resende (2019).

utiliza estratégias típicas de construção simbólica. A legitimização, por exemplo, utiliza-se da racionalização, universalização e narrativização na realização do trabalho ideológico. Por exemplo, nos casos em que a ideologia opera como reificação ela contribui para eliminar ou ofuscar o caráter sócio histórico dos fenômenos sociais.

Quando uma criação social é lida como algo natural⁹ estamos diante da naturalização enquanto estratégia de estruturação da ideologia. Para uma melhor compreensão da naturalização da linguagem tomemos, por exemplo, as violências e suas faces. Observemos, neste aspecto, como ela nos convida a pensar as relações de poder e toda a complexidade que envolve seu funcionamento no atual contexto. Assim, as várias faces da violência se interpenetram e se complementam. Naturalizados no plano “simbólico”, os enunciados “ofensivos”, em muitos casos, autorizam a violência física. É conveniente pensar mais detidamente as relações entre a linguagem, representações e produção de significados, mais especificamente, no caminho, não necessariamente direto e compulsório, entre a enunciação e ato considerado violento.

A pessoa pesquisadora em geral se depara com toda sorte de material empírico de pesquisa a exemplo de documentos mais formais como os textos jurídicos, projetos de lei, dentre outras fontes documentais e outras técnicas já bastante consolidadas e legitimadas como entrevista, grupo focal, história de vida etc... Nas últimas décadas, os/as pesquisadores/as utilizam uma gama de material de redes sociais, postagens em geral, especialmente páginas pessoais e grupos do *facebook*, *twitter*, *blogs* e até aplicativos de dispositivos móveis. Essas “textualidades culturais” (LUCAS LIMA, 2017) são fontes poderosas de informação de onde é possível extrair evidências que fundamentam certas afirmações produzidas ao longo do trabalho. Desse modo, a principal vantagem desse método de busca de dados disponibilizados em espaços não-convencionais é que permite o acesso a discursos e sujeitos que, de outra forma, não seria possível. Toda essa produção discursiva proporciona a triangulação das informações na medida em que facilita a compreensão das relações e o confronto de diferentes pontos de vista.

O GESTO INTERPRETATIVO

A linguagem carrega no seu bojo um potencial criativo, ético,

9 Sobre os modos e estratégias de construção simbólica apresentados por Thompson recomendo a leitura da obra *Ideologia e cultura moderna* (THOMPSON, 1995). Nela, o autor fornece um conjunto de ideias acerca do conceito de ideologia além de fornecer um referencial metodológico bastante detalhado para o estudo das formas simbólicas, em especial a ideologia.

estético e subversivo, e por esse motivo, altamente político. O saber que é produzido a partir de um processo de investigação, em qualquer área, carrega marcas indeléveis da nossa existência, vivências e da experiência enquanto produção de códigos de inteligibilidade e esquemas de interpretação. Uma pessoa pesquisadora que se auto representa como “encarnada” precisa envolver-se em um circuito ético de cuidado e respeito para com o outro, implicar-se e deixando-se implicar, o que significa dizer que seus gestos carregam a intensidade e a materialidade da vida e da dor de mundo. Politicamente situada, a relação da pessoa pesquisadora com seu “objeto” de pesquisa jamais está desvinculada da percepção de um problema social. O olhar investigador se volta para as relações de poder que se apresentam de modo assimétrico, produzindo mecanismos de opressão, sustentando os processos de dominação e abrindo espaços para os usos abusivos do poder. Nesse sentido, o foco será a reprodução social, o acesso e controle dos discursos. Entende-se aqui por abuso do poder “a violação de normas e valores fundamentais no interesse daqueles que têm o poder e contra os interesses dos outros. Os abusos do poder significam a violação dos direitos sociais e civis das pessoas.” (VAN DIJK, 2008, p. 29)

O ponto de partida da investigação será, conseqüentemente, a percepção de uma problemática que acontece em uma conjuntura específica que não pode ser analisada desvinculada do espaço sociopolítico e cultural no qual é produzido. Nesse aspecto, parece redundante denominar este ou aquele discurso de ideológico, pois todo discurso é a princípio, ideológico por natureza. Não há discurso sem sujeito e sem ideologia. Estamos diante de um movimento estruturante da Análise de discursos que são suas condições de produção que joga com a ideologia. As condições de produção dos discursos têm a ver com a cena de enunciação, as circunstâncias, o contexto imediato, mas também leva a cabo uma análise da conjuntura sócio-histórica na qual o enunciado é produzido.

O analista de discurso precisa voltar-se para o material em análise e perguntar: 1) Quem fala, ou seja, quem é este sujeito que ouviu, que internalizou e está mergulhado nessa formação discursiva e cultural. É, portanto, deste lugar que fala/escreve; 2) Para quem fala. Sabemos que não há uma fala ou um escrito que não se destine ao outro (você). É a partir deste outro que ocorre a interpretação, a construção dos sentidos. Se este outro não tiver as mesmas condições propícias, não conseguir interpretar, não estiver no mesmo campo simbólico, não se constrói

o sentido. Por fim, o terceiro elemento: 3) o que se fala, conforme já foi dito, poderá ser um texto oral ou escrito (um assunto), ou apenas uma imagem. Ao produzir o enunciado, o sujeito tomará as formações discursivas (que já estão prontas e que inclui a ideologia) que lhe são mais concernentes, mais indicadas para seu enunciado, observando o público alvo.

Ao analisar um problema social partimos da crença de que situações de opressão e desigualdades sociais podem ser modificadas e superadas, uma vez que elas foram socialmente construídas, portanto, são passíveis de serem transformadas. Dessa forma, é na linguagem que vamos identificar e, conseqüentemente, demarcar os mecanismos ocultos da ideologia que a construiu. O gesto do pesquisador se volta para a linguagem e suas representações, para a produção de discursos e enunciados que valorizem outras formas, mais criativas, e conseqüentemente, mais significativas de perguntar, de se voltar para a situação em análise.

É tarefa do analista de discursos voltar-se para o *corpus* em análise a fim de identificar quais os discursos que estão atravessando o texto e produzindo efeitos de sentidos. Essa etapa requer a elaboração de estratégias de leitura que possibilitem desvendar a ideologia subjacente a linguagem, observando se os objetos de discursos estão contribuindo para reproduzir, reestruturar ou ainda subverter hegemonias existentes, conforme a proposta de (RAMALHO, RESENDE, 2011).

Há no gesto acima esboçado um compromisso do sujeito pesquisador com a emancipação, com a produção de mudanças e transformações, ou seja, com as justiças que possam favorecer sujeitos sociais que se encontram em situação de desvantagem, subordinação e opressão. Sobre esse aspecto Messeder (2016) defende que a ideia de compromisso coexiste com a ancestralidade e mobiliza um amadurecimento em nossa existência que está para além das nossas práticas acadêmicas. Neste aspecto, o que estamos chamando de “pesquisador encarnado” realiza “um processo alquímico entre o conhecimento localizado, a subjetividade corpórea e o compromisso na transformação de um poder em direção às justiças, quer seja social, racial, de gênero, erótica, científica e tantas outras (p. 284)”. Tudo isso se relaciona diretamente com a trajetória pessoal da pessoa investigadora e sua materialidade, sua existência e sua busca por reconhecimento.

Do ponto de vista etimológico, a palavra *discurso* expressa a ideia de curso, de percurso, de movimento e consiste na existência de relações

que envolvem sujeitos e produção de efeitos múltiplos e variados de sentido (ORLANDI, 2005). Não esqueçamos que analisar discursos é, portanto, um gesto interpretativo, exploratório e, principalmente reflexivo, no qual aciona teoria e prática, aqui compreendidas como dimensões intercambiáveis, complementares, e fundamentalmente, indissociáveis. Nesse saber-fazer, a pessoa pesquisadora opera em uma relação entre os objetos do mundo e suas significações, uma relação que institui a “realidade”, ou seja, cria, forja, metaforiza, uma espécie de batalha cultural pela significação. É a linguagem que ao fim e ao cabo produz a “realidade”. O gesto de produzir conhecimento está implicado na produção de posições de poder, pois, de fato:

Os objetos não existem, para nós, sem que antes tenham passado pela significação. A significação é um processo de conhecimento. Quando indivíduos, grupos, tradições descrevem ou explicam algo em uma narrativa ou discurso, temos a linguagem produzindo uma “realidade”, instituindo algo como existente de tal ou qual forma. Assim, quem tem o poder de narrar pessoas, coisas ou processos, expondo como estão constituídos, como funcionam, que atributos possuem, é quem dá as cartas da representação, ou seja, é quem estabelece o que tem ou não tem estatuto de “realidade”. (COSTA, p. 246)

Todo ato de investigação que se pretende, de fato, “crítico” precisa alcançar a ideologia operante e compreender seus mecanismos de funcionamento através da linguagem. O ato de analisar informações discursivas mobiliza um esforço permanente de compreensão da ideologia subjacente ao texto em relevo. Para Eagleton (1997, p. 36), a ideologia não deve ser entendida como “uma ilusão infundada, mas uma sólida realidade, uma força material ativa que deve ter, pelo menos, suficiente conteúdo cognitivo para ajudar a organizar a vida prática dos seres humanos.” Ao analisar discursos estamos imersos também no campo da cognição, observando como o campo político é processado cognitivamente.

Nesse aspecto, entendo que a Análise de discurso é parte de um processo mais amplo que estamos chamando de Análise Cognitiva. Diferentemente do campo da análise dos discursos que tem um caminho já bastante consolidado, a análise cognitiva é um campo em construção

que opera na dupla face do cognitivo/epistemológico, mobiliza diferentes campos disciplinares, tem um caráter multirreferencial e complexo, diz respeito a um campo comprometido com a produção, gestão e difusão do conhecimento e a segregação cognitiva. Para Teresinha Fróes, percussora nessa área de investigação, a Análise Cognitiva em chave (inter)transdisciplinar pode ser definida como:

Campo do conhecimento de trabalho com/sobre o conhecimento e seus imbricados processos de construção, organização, socialização, que incluem dimensões entretecidas de caráter teórico, estético, epistemológico, metodológico, ontológico, axiológico, ético, estético, afetivo e auto poético e que visa o entendimento de diferentes sistemas de estruturação do conhecimento, com o compromisso de traduzi-lo, (re)construí-lo e difundi-lo segundo perspectivas abertas ao diálogo e à interação entre comunidades vinculadas a esses diferentes sistemas, de modo a tornar o conhecimento público todo aquele de caráter privado que é produzido por uma dessas comunidades, mas que é também de interesse comum a outros grupos/comunidades/formações sociais mais amplas. (FRÓES BURNHAM, 2012, p. 53).

Assim, nesse possível caminho de análise, uma vez identificado o “problema”, ou os problemas, será necessário identificar os obstáculos para que o problema seja superado. Logo, cabe identificar a função do problema na prática, para, em seguida analisar as possibilidades de ultrapassar esses obstáculos. De acordo com o proposto por Van Dijk (2008), para a análise ser considerada efetivamente “crítica” é necessário que atenda a alguns critérios. O analista precisa verificar se seu percurso investigativo permite: 1) avaliar se as relações de dominação estão sendo estudadas a partir do grupo dominado; 2) observar se as vivências, ou seja, as experiências dos grupos dominados permite evidenciar o discurso dominante; 3) a análise permite avaliar se as ações discursivas do grupo dominante são de fato ilegítimas, e um último ponto, 4) verificar se a análise aponta para alternativas que são efetivamente viáveis e em consonância com os interesses dos grupos dominados. E, por fim, é necessário que se faça uma reflexão sobre a ampliação do aspecto emancipatório da análise. Assim, estudar a cognição é crucial

para entender a dimensão epistemológica, isto é, para a compreensão da atividade científica. Desse modo, “conhecer os mecanismos do conhecer é dar conta da experiência fenomênica, é tentar explicar os processos cognitivos tais como eles se realizam num organismo dado, é construir, por exemplo, um modelo para o ver.” (PASSOS, 2008, p.154).

NOTAS FINAIS

Em suma, toda análise discursiva é mediada, de certa forma por princípios teóricos de modo que quanto mais tentamos nos aproximar de objetos dinâmicos, mais mediações são necessárias para operar na modelagem conceitual. No entanto, entendo que as análises de problemas sociais tenham como ponto de partida os objetos de investigação e seu campo empírico para a partir dessa imersão mais consequente e dialógica possamos acessar aspectos teóricos-metodológicos mais apropriados e consequentes ao nosso movimento investigativo.

Não podemos perder de vista que assim como os discursos, as teorias se proliferam à revelia de quem as produzem. Às vezes são incontornáveis, incompreensíveis, muitas vezes se metamorfoseiam ao sabor da própria linguagem de quem as usam. Assim, é possível reconhecer que toda teoria carrega histórias, relações de poder e comporta narrativas, além de modelar estratégias discursivas na medida em que suas rotas e viagens são incontroláveis. O analista se coloca em um ponto de tensão e reflexão, que, inexoravelmente, será confrontado nos diálogos que realiza com o mundo em ciclos de criação dinâmicos, fluidos, plurais e que seguem para além do controle de quem assimila.

No âmbito do Grupo de Pesquisa Enlace¹⁰ temos apostado na perspectiva do “Pesquisador Encarnado”, nosso *modus operandi* que se modela nas bordas, nas inflexões, nos bifurcamentos, tangenciamentos, fissuras e rasuras da razão canônica e dos discursos dominantes. Ao teorizar o nosso saber-fazer e chamarmos essa experimentação, essa prática de produzir conhecimento de “pesquisa encarnada”¹¹, estamos atribuindo os sentidos da nossa existência e da existência do outro na dinâmica enquanto coletividade, na sua multiplicidade e na singularidade de cada um que modela a partir desse saber-fazer, na dor e delícia de assumir riscos. Sim, é preciso reafirmar a partir de nossas experiências enquanto grupo o nosso modo de existir que precisa ser modelado, teorizado e posto em prática, precisa ser legitimado, via linguagem, repetidas vezes quanto pudermos pois se assim não for feito, outros farão por nós.

Compreendo a “pesquisa encarnada” como um modo de fazer, ser e estar no mundo. O pesquisador encarnado realiza um conjunto de atos performativos que significa, modifica, transforma e singulariza a ação pesquisante bem como a experiência com a escrita. Dessa forma, a construção discursiva “pesquisador encarnado” assume uma dimensão fundante tanto individualmente quanto coletivamente que transcende qualquer noção de categoria ou conceito.

Muito provavelmente, nessa experiência, estejamos diante de um movimento que dialoga com a ideia de “desaprendizagem”. Segundo Fabrício (2006) compreende um movimento produtor, contínuo e autorreflexivo de deriva de si, uma atitude que visa lançar não só um “olhar” descolonizador, mas algo que toma o corpo na sua inteireza, um corpo encarnado, vivo, vibrante, afirmativo, propositivo, subversivo e acima de tudo, comprometido. Para tanto, será necessário um olhar para a linguagem no sentido de acionar uma gramática das atitudes que só é possível a partir de uma semântica que opere os signos na sua existência única e irrepetível dos enunciados e não somente das palavras em si mesmas. Por outro lado, a provisoriidade, a estranheza e a experimentação nos impulsionam a investir em novos processos de auto-organização, ou seja, de auto-gestão.

Por fim, reconheço que nessa minha travessia na qual coloco em sintonia, a linguagem e a pesquisa, alguns conceitos e categorias podem eventualmente ter sido apresentados de forma simplificada, por vezes incipientes, ou até mesmo sem uma problematização, sem uma sofisticação teórica e metodológica que os estudos do discurso já construíram e vem construindo. Essa decisão é intencional visto que o texto se volta, enquanto leitor preferencial, para pessoas pesquisadoras oriundas de espaços institucionais multidisciplinares que, na maioria dos casos, não estão familiarizados com jargões da linguística e, principalmente da Análise do Discurso.

Com base nos trabalhos que venho desenvolvendo ao longo da minha experiência no âmbito da Análise de discurso, arrisco dizer que não temos feito usos produtivos da ADC, principalmente no que diz respeito ao caráter emancipatório da análise. A análise de discursos como um momento da análise cognitiva deve ser entendida como uma possibilidade de análise de problemas sociais. Caso contrário, cairemos na tentação de produzir análises que servem muito mais para explicar o funcionamento dos discursos do que os fenômenos sociais. Isso acontece em muitos casos em que o pesquisador se enreda na busca

desenfreada de tentar usar os fatos sociais e categorizá-los em um amontoado de jargões e categorias originários dos estudos da linguagem. Sem desqualificar ou minimizar essa produção, estamos reconhecendo que toda a sofisticação conceitual é parte de um rigor que vem sendo implementado nas últimas décadas para compreender o funcionamento da linguagem por pesquisadores e pesquisadoras competentes e engajados nos seus objetivos de investigação. No entanto, destaco a nossa limitação enquanto pesquisadores multidisciplinares em acessar esse material teórico em toda sua amplitude.

Dito isso, outro aspecto importante da análise textual passa pela dimensão criativa no trato com a linguagem. Embora o gênero canônico e clássico da escrita acadêmica acaba, muitas vezes, por limitar o potencial criativo da análise seja ela de natureza ética, estética e poética, em muitos casos, a criatividade na pesquisa tem se apresentado mais na forma do que no conteúdo. Lutemos, assim por um texto que seja ato, visto que.

De muito pouco nos servirá tanta teoria, se ela não resultar de uma forma prática de realizar o conhecimento dela advindo. Entre a farra teórica e a identitária, as subjetividades sucumbem antes aos formatos e as normas, as mesmas das quais fugimos e na fuga, outras normas se criam, mas nunca uma que perceba o lado *estético*, e mesmo *poético* das normas e das teorias. Avancemos sobre ambas e busquemos um estar outro, talhado pela tinta dos corpos, pela experiência do corpo em liberdade, da *escrítica* liberta e toda ela mixada numa nova realidade e em favor dos corpos periféricos, marginais, supranacionais, profundos. (INÁCIO, 2016, p. 135)

Nesse viés, a criatividade precisa ser vista menos como um processo artificial, decorativo e figurativo, ou seja, restrito a inspiração e muito mais enquanto devir de “transformatividade própria e apropriada que atende ao ímpeto de ser desejante de mais vida, acréscimo de sua potência e conseqüente acréscimo de sua-comum responsabilidade existencial” (GALEFFI, 2014, p. 60). Afinal, o embate do sujeito encarnado tal qual pensamos no âmbito do grupo Enlace revela uma luta permanente, um gesto responsável e propositivo de insubordinação com os sentidos e os discursos. A escrita encarnada é aquela que tem

um potencial libertário, perturbador, por vezes blasfêmico pois deriva de um mergulho na experiência, na luta intempestiva pela busca de significados para a nossa existência.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ivia. **Interfaces: estudos sobre escritoras**. Ilheus, Ba: Editus, 2005.
- BUTLER, Judith. *Language, poder e identidade*. Madri, Editorial síntesis, 2004.
- COSTA, Claudia de Lima. O Leito de Procusto: gênero, linguagem e as teorias feministas. Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, São Paulo, v. 2, p. 141-174, 1994.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- FABRÍCIO, B. F. **Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso**. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. 279 p.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008. 1ª edição.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.
- FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 3003.
- FISHER, R. M. B. **Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar**. In: COSTA, M. V. (Org.). *Caminhos investigativos II*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.
- FRÓES BURNHAM, Teresinha. **Análise cognitiva, um campo multirreferencial do conhecimento? Aproximações iniciais para a sua construção**. In: FRÓES BURNHAM, Teresinha. *Análise cognitiva espaços multirreferencias de aprendizagem: currículo, educação à distância e gestão/difusão do conhecimento*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- GALEFFI, D. A. **Criatividade como transformatividade criadora nas instâncias físico-cosmológica, antropológica e societária, própria e apropriada**. In: MACEDO, R. S; GALEFFI, D. A.; BARBOSA, J. G. *Criação e devir em formação*. Salvador: EDUFBA, 2014.
- _____. **O rigor nas pesquisas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar**. In: PIMENTEL, Álamo Gonçalves; GALEFFI, Dante Augusto; MACEDO, Roberto Sidnei. **Um rigor Outro: a questão da qualidade na pesquisa qualitativa – Educação e Ciências Humanas**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- _____. **Didática Filosófica Mínima: ética do fazer-aprender a pensar de modo próprio e apropriado como educar transdisciplinar**. Salvador: Quarteto Editora, 2017.
- _____. **O anti-intelctualismo nazi-capitalista emergente e o papel do conhecimento científico, filosófico, artístico e místico como resistência criativa e criadora na difusão do conhecimento**. *Revista Sul-Sul de ciências humanas e sociais*.

V.1, n.01, 2020.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 6ª edição, 2003.

INÁCIO, E. **Manifesto para uma crítica poética de uma possível existência do corpo na diferença**. In: GARCÍA, Paulo César; THÜRLER, Djalma (orgs.) *Erotização da política e a política do desejo: narrativas de gênero e sexualidades em tempos de cólera*. Salvador, EDUNEB, pp. 135- 146, 2016.

KINCHELOE, J. **Construtivismo crítico**. Tradução de Manoel Alberto Vieira. Mangualde: Pedago, 2006.

LUCAS LIMA, Carlos Henrique. **Linguagens pajubeyras: re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade**. Salvador, BA: Editora Devires, 2017.

MESSEDER, S. **O processo alquímico entre o conhecimento localizado, a subjetividade corpórea e o compromisso: um movimento do poder direcionado às justiças**. In: CAETANO, Marcio; SEFFNER, Fernando (orgs.). *Cenas latino-americanas da diversidade sexual e de gênero: práticas, pedagogias e políticas públicas*. Rio Grande, RS. Editora da FURG, 2015.

MESSEDER, S. A. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção da saber científico blasfêmico. In: HOLLANDA, H. B. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020a.

_____. Em cena o pesquisador o (a) pesquisador(a) encarnado(a): um conceito ou instrumental teórico-metodológico. In: MESSEDER, S. A.; NASCIMENTO, C. G. do (Orgs.). **O/A Pesquisador/a Encarnado/a: experimentações e modelagens no saber fazer das ciências**. Salvador: EDUFBA, 2020 b.

MESSEDER, S. A.; NASCIMENTO, C. G. do (Orgs.). **O/A Pesquisador/a Encarnado/a: experimentações e modelagens no saber fazer das ciências**. Salvador: EDUFBA, 2020.

PASSOS, E. **O Ver e o Observar: a experiência fenomênica e o Experimento Científico**. In: KASTRUP, V; TEDESCO, S.; PASSOS, E. *Políticas da cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

SAID, E. W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RESENDE, V. M; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____, **Análise de Discurso (para a) Crítica: O texto como Material de Pesquisa**. Campinas, SP: pontes Editores, 2011.

RESENDE, V. M. **Perspectivas latino-americanas para descolonizar os estudos críticos do discurso**. In: RESENDE, V. M. (Org.). *Descolonizar os estudos críticos do discurso*.

Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

Recebido em: 22/07/2020

Aceito em: 01/12/2020